

As pregações de Wesley sobre o Sermão do Monte

A visão wesleyana da vida autêntica diante de Deus

Rui de Souza Josgrilberg¹

Resumo

Estuda a visão de Wesley, com base em treze de seus sermões, sobre o que ele entende ser a “verdadeira religião” contida no Sermão do Monte. Destaca a unidade e importância do texto bíblico, segundo ele, em nos trazer a suma da verdadeira religião no que Jesus ensinou. *Palavras-chave:* Religião do coração e de vida, verdadeira religião, prática, Reino.

Wesleyan preaching about the sermon on the mount: and a wesleyan vision of an autentic life before god

Abstract

This article studies the vision of Wesley, based on thirteen of his sermons, with regard to what he understands to be ‘true religion’ contained in the Sermon on the Mount. The unity and

¹ Professor de Teologia Sistemática da Faculdade de Teologia e na pós-graduação. É reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/UMESP.

importance of the biblical text is given special attention because, according to him, it offers a summary of the true religion that Jesus taught. *Key words*: Religion of heart and life, true religion, practice, Kingdom.

Introdução

Com frequência Wesley pregou sobre o Sermão do Monte (daqui para frente, SM) conforme seus registros no *Diário* a partir de 1739. O SM exerce uma função especial na obra do fundador do metodismo que tentaremos analisar e compreender.

Entre os anos de 1748 e 1750, Wesley pregou uma série completa de treze sermões sobre o SM, caps 5-7 de Mateus. Esses treze sermões foram reunidos por Wesley para publicação. Possuem uma unidade interna e, por isso, foram mantidos com uma seqüência e em conjunto. Ele mesmo os colocou como parte final de um primeiro bloco de sermões escolhidos para servirem de “padrão doutrinário” (*standard*) para o povo metodista, nas edições de 1750 e 1760. Nas edições que se seguiram à morte de Wesley eles receberam os números de 21 a 33 e o título geral de *Upon Our Lord's Sermon on the Mount*.²

Partimos do próprio Wesley que trata os três capítulos do SM em Mateus como *unidade e suma* de Jesus a respeito da *verdadeira religião*. Nosso objetivo aqui não é analisar o conteúdo de cada sermão, estrutura, crítica exegética ou textual seja dos sermões de Wesley seja do SM. Nosso objetivo é chegar à *visão de Wesley* sobre a verdadeira religião que, segundo ele próprio, está sintetizada no texto de Mateus acima referido.

Nosso objetivo é facilitado por ele mesmo ao nos proporcionar, cinco anos depois (1755), sua segunda e resumida interpretação.

² Na edição das *Obras de Wesley* da Wesley Heritage Foundation (Justo Gonzáles, Editor Geral), Providence House Publishers, Franklin, 1996, *Sermones*, tomo II, Sermões de 21 a 33. Utilizamos também a antiga edição de Jackson de 1825.

Essa síntese nos foi dada nas *Explanatory Notes upon the New Testament* (1755).

1. As anotações de Wesley sobre o SM nas *Explanatory Notes upon the New Testament*³

Vamos seguir de perto as próprias palavras de Wesley nas *Explanatory Notes*, procurando a articulação interna de alguns conceitos.

O SM pode ser visto como uma moeda de duas faces, mas onde uma face é necessária para estabelecer os contornos da figura da outra (interação entre as faces). Wesley aborda o SM em duas perspectivas:

De um lado aparecem os *fundamentos da religião do coração* como necessários para uma autêntica religião e entrada no Reino de Deus.

Na outra face estão as *exigências práticas do Reino de Deus*, a práxis cristã do Reino e sua nova disposição de justiça (deve exceder a justiça da religião farisaica).

Uma representação do SM apresentaria wesleyanamente os seguintes contornos:

- a) A cena – Galiléia. Para Wesley, o cenário do SM é a do grande mestre que reúne seus discípulos ao pé da montanha (“Não só os discípulos, mas todos os que queriam aprender dele”, assinala, lembrando que se Mt 5.1 fala dos discípulos, mas Mt 7.28 fala de uma multidão).

³ WESLEY, John - *Explanatory Notes upon the New Testament*, The Epworth Press, London 1958. Na edição das *Obras de Wesley* da Wesley Heritage Foundation (Justo Gonzáles, Editor Geral), Providence House Publishers, Franklin, 1996, Notas al Nuevo testamento, primeira parte, tomo IX.

- b) O mestre – Ele “abre a sua boca” e passa a ensiná-los. “Abrir a boca” é uma expressão que aponta para uma autoridade, um oráculo, um mestre. O ensino revela uma autoridade acima da de Moisés e centra-se sobre a “felicidade do Reino”, “a arte plena da felicidade”, e “o único e verdadeiro método para alcançá-la”. Jesus é o “salvador” e “mestre” que ensina a verdadeira felicidade e como alcançá-la. Ao contrário dos que “procuram a felicidade onde ela não está”.
- c) A retórica – Jesus não fala como legislador, nem como chefe, nem por um estilo empolado ou de retórica vazia, nenhuma rapsódia, nenhuma incoerência, sem preconceitos. Ele fala com mansidão e amor, como “amigo e salvador”. Segundo Wesley, o SM poderia ser paradigma para todo pregador cristão.
- d) O tema – O tema é visto como um convite à verdadeira felicidade⁴ e santidade; a felicidade do Reino só é possível mediante a “verdadeira santidade cristã”. A exortação à santidade é acompanhada de critérios e advertências. Nesse contexto ganha relevo Mt 5.48: “sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”, que Wesley desenvolverá como a doutrina da perfeição cristã. A justiça do Reino é correlacionada com a “pureza de coração”. “Sem pureza de intenção nenhuma ação exterior é santa”. O SM ensina a pureza de coração e a pureza de intenção. Sem pureza de intenção não há justiça (*righteousness*) para Deus. A santidade é correlacionada, no outro pólo, com a felicidade. Como um dos componentes da promessa do evangelho está a compreensão de que es-

⁴ Wesley, nos seus sermões, utiliza a tradução que traz *blessed* (bem-aventurado), mas que no texto é mudado para *happy* (felizes) e trata o SM como as condições e as promessas da verdadeira felicidade. Em sua própria tradução do NT, publicado junto com as *Notes*, Wesley então preferirá a traduzir por *happy*, p. ex., *Happy are the poor in spirit* (Felizes são os pobres de espírito).

sas “leis” são plantadas no nosso entendimento, “escritas em nosso coração”, para que tenhamos “a mente de Cristo”. Essa é a “filosofia de nosso mestre celestial”: “Pecador, conhece-te a ti mesmo” (muito diferente daquela do oráculo grego que simplesmente propõe “conhece-te a ti mesmo”).

O tema do Reino percorre o SM. O Reino, segundo Wesley, é interno, externo e eterno. A presença interna do Reino (*inward Kingdom*) traz justiça, a paz, a alegria no Espírito; quem perseverar até o fim participa do Reino eterno. *O Reino de Deus interno é fundamento e condição* para um correto entrelaçamento com as dimensões externas do Reino. Wesley não descuida de sua dimensão social, o que é amplamente comprovado em sua prática do evangelho.

O Reino para Wesley é entendido como governo de Deus sobre todas as coisas, toda a criação, todos os seres vivos, toda a história. O Reino de Deus deverá *envolver* todos os reinos da terra e transformá-los. Com essa abrangência do Reino, “Deus governará todos os corações e sua justiça resplandecerá como o sol do dia”. O Reino para Wesley só pode ser percebido em santidade.

Wesley aborda o SM como uma “divina síntese” do ensino de Jesus, não somente acima do ensino de Moisés, mas também acima do ensino grego da felicidade (a filosofia). Esse novo ensino é um conteúdo evangélico-salvador, acompanhado de um método apropriado, um caminho, uma prática, que tem a ver com a justiça e a promessa do Reino; é também um *chamado à santidade de coração, condição para a santidade de vida*, marca de toda a teologia wesleyana.

2. Wesley e a essência do verdadeiro cristianismo

Para Wesley, o sumário de toda religião verdadeira foi dado, como vimos, pelo próprio Cristo no SM. Nele Jesus Cristo apresenta

“o plano total de sua religião”, “um prospecto completo do cristianismo”, “uma visão geral do todo” (Sermão 21). Esse sumário vem acompanhado do “caminho real que leva ao Reino”, “o caminho da salvação”. Outros caminhos são “inconsistentes” com a salvação. O discurso de Jesus seria para nós um aviso “contra as falsas glosas humanas da religião”.

“Veja – escreve Wesley – eu mostro aquilo pelo que sua alma tem ansiado. Veja o caminho que sua alma tanto procurou em vão; o caminho da felicidade, o caminho da calma, da feliz paz, do céu acima e da terra em baixo”. Esse caminho do “método mais excelente”, “os vários estágios da caminhada do cristão”, os passos que o cristão “toma a caminho da terra prometida”. Esse caminho faz Wesley dividir o SM em três partes: a) o capítulo 5 é “um divino sumário da verdadeira religião”; b) o capítulo 6 apresenta as normas de uma boa ação externa através da pura intenção do coração; c) no capítulo 7 nos é dada uma série de advertências a respeito de tropeços e obstáculos.

“A mente de Cristo em nós”, “a imagem de Deus no coração”, é apenas *o começo autêntico* da fé cristã; esse começo bom deve desdobrar-se como uma semente: “a força divina não *deve apenas permanecer em nós*, deve crescer dia após dia” (Sermão 22). Escreve Wesley, que não podemos nos contentar com uma “religião boa como o mundo a vê”, e que pode ser resumida em “(a) não fazer o mal; b) fazer o bem; c) usar os meios de graça”. É necessário pensar a salvação como uma religião mais autêntica. A genuína religião de Jesus Cristo, a “religião do coração” é muito mais profunda que essa (Sermão 23). Para Wesley só a religião do coração é verdadeira: “essa religião interior traz a forma de Deus visivelmente impressa em nós” e “a viva impressão de sua estampa na pessoa e é fonte de beleza, de amor, e fonte original de excelência e de perfeição” (Sermão 24).

Wesley enfatiza a origem “interior” da religião. Mas esse “interior” não é o de uma religião intimista ou psicologista. Esse “reino

interior” coloca a base da religião na vivência, numa certa subjetividade voltada para um conteúdo que se dá em Cristo e necessita dessa *marca de personalidade*. Mas, se a dimensão profunda da religião passa pela pessoa ela não se concretiza nunca na interioridade. É preciso “caminhar o caminho da lei de Deus”. A ênfase na religião do coração não significa para Wesley uma religião de refúgio interior: “A fim de expor e sublinhar essas importantes palavras quero mostrar, primeiro, que o cristianismo é essencialmente uma religião social; e torná-la uma religião solitária é destruí-la. Segundo, suprimir essa religião é impossível e contrário à intenção de seu fundador. Terceiro, responder a objeções e, finalmente, mostrar suas aplicações práticas” (Sermão 24).

Wesley ilumina o dado segundo o qual toda religião que permanece intimista e, nesse sentido, retirada do mundo, *não* é aquela do Senhor que a tudo governa: “a religião descrita pelo Senhor não subsiste sem a sociedade, sem a nossa interação viva com os outros. Fica claro que muitos de seus principais caminhos (sem essa interação com a sociedade) não se concretizam” (Sermão 24). Acrescenta mais adiante que sem a *participação* (Wesley utiliza *commerce*) no mundo não podemos ser cristãos de nenhum modo.

É claro que Wesley pensa na fé como algo que é *vivido*, e somente pela vida *prática* tomamos o caminho da verdadeira e autêntica religião. O sermão 33 serve como uma conclusão de toda a pregação em torno do SM: “O divino mestre declarou todo o conselho de Deus a respeito do caminho da salvação e fez as advertências a respeito das dificuldades que aqueles que caminham por ele deverão enfrentar...” Ele diz com clareza que não há outro caminho a não ser a vida que se faz caminho... Opõe-se veemente a uma religião verbal, a uma religião somente de credos e doutrinas, de ritos, de orações, adoração e ações de graças. Esses atos não salvam, e propõe a expressão *unsaving faith* (fé que não salva) para descrevê-la. Esses atos só possuem sentido salvífico na encarnação de uma fé concreta. Exorta-nos a nos conhecermos pela força da graça de Deus, “Pela Gra-

ça de Deus, conheça a ti mesmo”. Ao final retoma a ênfase na religião do coração: “Numa palavra: deixe tua religião ser uma religião do coração. Deixe que ela vá profundamente em sua alma. Seja humilde, pequeno e simples, fraco e vil aos teus próprios olhos... Seja sério... E tão seguro como você caminha com Deus sobre a terra, você reinará com ele na glória” (Sermão 33).

3. Wesley e o horizonte hermenêutico da religião do coração

Podemos tomar essa coleção de sermões de Wesley sobre o SM como um exemplo típico do modo de hermenêutica do fundador do Metodismo. Os sermões foram pregados e depois escritos como uma espécie de “ensaios sermônicos”. Atendem a um contexto específico e preocupações específicas, e foram colocados por escrito visando à publicação, depois que foram pregados, com a intenção dupla de edificar e de ensinar.

Wesley fala da religião como um assunto público e não privado. E isso de um modo distinto do nosso contexto. Fala como se todos estivessem ou devessem estar preocupados com o assunto religião. A religião ainda comanda a discussão de leis e de formas de vida. A religião é discutida e debatida na praça pública.

O século XVIII desenvolveu um racionalismo individualista. Esse individualismo influenciou Wesley. Não podemos, entretanto, encaixotar Wesley aí. É um erro atribuir a Wesley um puro individualismo sem outras distinções. O indivíduo e a pessoa possuem, segundo Wesley, um valor divino: o resgate da pessoalidade da fé cristã é muito importante para Wesley, pois o humano foi criado à imagem e semelhança e Deus. Não podemos esquecer que, para ele, uma

da três dimensões dessa imagem de Deus é a imagem política (as outras duas são a imagem natural e a imagem moral)⁵.

Para Wesley, a “verdadeira religião” não se identifica por si com o cristianismo, mas seus critérios de autenticidade são preenchidos pelo cristianismo. Outras religiões podem preencher *parcialmente* esses critérios.

A gênese no coração é *expansiva e abrangente da vida natural e social*. A “vida” não é consequência do “religioso” mas *seu teor concreto*. Wesley vê a religião como essencialmente social e qualquer modo de vê-la contrária a essa seria mal interpretá-lo. Como então conciliar a ênfase no pessoal/individual com o social em Wesley?

A hermenêutica wesleyana é a de uma *concreção da fé*⁶. Ainda que Wesley entenda a religião autêntica como uma questão do coração (autêntica empatia, sentimento sério e honesto para com Deus e para com o próximo) tomar essa dimensão pessoal sem o social seria atribuir a Wesley um dualismo que lhe é estranho. Religião não é uma abstração do social; ao contrário, *o pessoal da religião só alcança concreção no entrelaçamento com o social*. O coração, para Wesley, se concretiza no entrelaçamento com a vida. O caminho da salvação nasce como coração, mas se expressa como vida antes que com meras palavras. “Coração e vida” formarão para Wesley um quiasma.⁷ Embora a separação indivíduo e sociedade comecem a brotar no século XVIII (teorias do contrato social), Wesley ainda se

⁵ A imagem natural de Deus no homem significa para Wesley que as criaturas humanas são capazes de um relacionamento livre com Deus e com as outras criaturas. A imagem natural de Deus é um dom. A imagem política significa que nós somos *stewards*, (cuidadores) da criação. Como “cuidadores” nós temos responsabilidades com a criação e com a sociedade humana, parte dela. A imagem moral é a mais profunda, segundo Wesley, pois é espiritual e capaz de nos alertar a respeito de nossos relacionamentos com o próximo e com Deus, alertar-nos para o pecado e abrir o ouvido para escutar o evangelho que salva.

⁶ Concreção opõe-se a abstração. Concreção significa aqui que a fé se faz um todo com a vida diária, a vida em sociedade, a vida em toda sua amplitude, incluindo a natureza. Wesley repugnava uma fé sem concreção.

⁷ “Quiasma” significa um cruzamento semântico de palavras (ou expressões) correlatas onde uma remete à outra, o sentido de uma palavra só se perfaz se é tomada no contexto da outra.

situa face às visões de tipo lockeana, de homem e sociedade, na qual o indivíduo só pode ser indivíduo em suas relações sociais e, por isso mesmo, é necessário pensar as relações sociais também em relação aos direitos do indivíduo. A teologia do coração, de Wesley, deve ser vista, em termos contemporâneos, como sendo existencial e social ao mesmo tempo.

Nesse sentido, S. Wheeler argumenta corretamente que Wesley não conhecia nenhuma distinção entre fé e ética social, entre evangelismo e ação social, entre salvação pessoal e salvação da criação; o fim do evangelho é a “renovação de todas as coisas”.⁸

Wesley repete à sociedade que “o Reino não é externo: está no interior de ti, não é comida, não é bebida, mas justiça, paz e alegria no espírito” (29), e sua preocupação é acentuar a sinceridade e a atitude radical. No sermão 24 é dito que o cristianismo começa no indivíduo, espalha-se para o outro, e expande-se até cobrir toda a terra. Evidentemente o social não está tematizado em Wesley. A lógica wesleyana da religião é que, conquistando o coração, conquista-se todas as relações da vida concreta. Por outro lado, em religião, parece que não adianta conquistar tudo se não se conquista o coração.

No comentário do Pai Nosso, Wesley ressalta ao máximo a conotação de “nosso” da oração: aí se inclui a paternidade de Deus sobre todo ser vivo, sobre anjos e homens, sobre pagãos e cristãos, e sobre todo o universo. O Reino de Deus, embora já presente em Cristo e na pregação do evangelho, é orientado ao coração do homem e também orientado a toda a criação, pois “o Reino do Senhor absorve todos os reinos da terra, a fim de que toda humanidade o receba como Rei e creia no seu nome, a terra seja inundada de justiça, paz, e alegria, com santidade e felicidade, até que tudo seja transformado em Reino Celestial por toda a eternidade”. Wesley, súdito inglês, sentiu muito mais do qualquer republicano ou democrático moderno, a necessidade de marcar com clareza a diferença de reinos. Mas, foi

⁸ WHEELER, S., *John Wesley and Social Ethics*: disponível em :
<http://www.livedtheology.org/pdfs/Wesleyt.pdf>

muito consciente da relação entre os dois reinos, e de que um adquire especial relevância para o outro se vistos sob a ótica das implicações da fé para a vida.

Enfim, Wesley resgata a subjetividade pessoal e comunitária como essencial para a fé autêntica e a correlaciona com a vida concreta, social, em que vivemos.

4. O SM e a práxis do reino em John Wesley

O SM possui uma peculiaridade dentre os textos evangélicos que é o de apresentar uma articulação muito clara da novidade do Reino de Deus encarnada em Jesus Cristo com suas exigências de práxis: “Não só o que diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu pai que está nos céus... Assim todo aquele que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado ao homem sábio que...” (Mt 7. 21, 24).

A “religião do coração” é, para Wesley, a autêntica religião de Jesus. Essa leitura de Wesley do SM possui no fundo a influência do movimento puritano. Porém, é preciso ter bem claro que a influência de idéias e práticas puritanas no fundador do metodismo passa por uma forma bastante crítica de recepção. Wesley verá no SM uma exigência de práxis que ia muito além da práxis religiosa formal bem como da prática excessivamente espiritual ou moralista de alguns grupos puritanos. É necessário “*operar a salvação com tremor e temor*” (*to work out our salvation with fear and trembling* – Sermão 25).

Por isso mesmo, uma análise correta da visão wesleyana do autêntico cristianismo deve considerar o discurso wesleyano ao lado de sua prática (o “cristianismo prático” de Wesley). Em Wesley não deveríamos falar de evangelização e ação social como uma sendo conseqüência da outro, mas como sendo um modo concreto de encarnação do evangelho. Deveríamos falar de intertextualidade entre o

discurso falado e o discurso da prática: um se manifesta como significado tecido na realidade do outro, e somente com os dois fios, fé e prática, pode-se tecer a realidade autêntica da religião do coração. A salvação é “operada” quando amassamos na mesma massa coração e vida (em todas as suas dimensões). Uma análise mais plena da visão wesleyana só é possível se incluirmos toda a gama de ações que formam as relações com o próximo e a sociedade; teríamos que fazer uma análise da práxis wesleyana e incluir aí a convivência e a visitação dos pobres e dos presos, sua relação com as crianças (especialmente as empobrecidas de seu tempo), sua preocupação e ação em favor da saúde popular, sua imensa obra educativa (publicações, escolas, salas de leitura, escolas dominicais etc.), iniciativas em favor de desempregados e ações políticas contra a escravidão, suas preocupações com guerra, para mencionar apenas algumas dessas ações.

“Social”, para Wesley, não é originariamente uma questão de sociologia ou política (conceito de sociedade ou de política) tal como para alguns de seu tempo ou para as ciências sociais (que se constituíram como tais muito depois dele). Social é, para Wesley, categoria de salvação. O social vem, para ele, atrelado à pergunta pela salvação mesma. A práxis wesleyana da salvação possui um componente do coração e um componente que a remete para a vida. Trata-se em verdade de uma correlação entre obras de piedade (*works of piety*) e obras de misericórdia (*works of mercy*). Devemos pensá-las – obras de piedade e obras de misericórdia – integradas num só movimento da fé “seriamente” (*seriously*) assumida.